

“História do tempo antigo, para o futuro”: uma leitura do diário de Helena Morley

Ana Amelia Coelho

Mestranda do Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da FFLCH-USP. Bolsista CNPq e membro do grupo de pesquisa Criação e Crítica. e-mail: anameliacoelho@gmail.com

Resumo: Este trabalho se concentra na leitura de um trecho do diário *Minha vida de menina* (1942), de Helena Morley, inspirada pelos métodos a que se propõem Barthes em *S/Z* (1970) e Lejeune em *Lire Leiris* (1975). O objetivo é levantar temas e imagens da escrita diarística, tendo como base textos teóricos e análises em torno das práticas de escrita pessoal de Blanchot, Lejeune, Rousset e Simonnet-Tenant. A escrita do diário, além de articular as esferas familiar e escolar, funciona como meio para Helena conjugar passado e futuro.

Palavras-chave: diário; Helena Morley; escrita; leitura.

Abstract: This work focuses on reading an extract from *The Diary of Helena Morley* (1942), inspired by the methods proposed by Barthes in *S/Z* (1970) and Lejeune in *Lire Leiris* (1975). The goal is to raise issues and images found in journal writing, based on the reading of theoretical texts and analyses of the practice of personal writing, from Blanchot to Lejeune, Rousset and Simonnet-Tenant. The writing of a journal not only articulates family and school issues, but also works as a way for Helena to combine past and future.

Keywords: diary; Helena Morley; writing; reading.

O diário – ou do presente

Um diário pode ser definido, sumariamente, com a seguinte formulação: anotação, registro do acontecimento em sua data, que se fundamenta em seu caráter de simultaneidade. A simplicidade de sua definição abarca ao mesmo tempo uma infinidade de variações: suporte (caderno, agenda, fichário, folhas soltas, editor de texto no computador, página na Internet); autoria (os diários individuais são mais comuns, mas há também coletivos); duração (são feitos durante todo o transcorrer de uma vida ou somente em ocasiões pontuais); função (servem como controle de contas, relato científico de experimentos, registro dos caminhos percorridos por uma embarcação, laboratório para uma obra artística); linguagem (podem se apresentar como uma listagem concisa dos

fatos, tomar uma forma narrativa, reflexiva, adotar uma linguagem cifrada, com códigos e apelidos); recursos que acompanham o texto (colagem de desenhos, fotos, recortes de jornal anexados). **E**m meio a essas variáveis, o diário segue a regra inflexível do tempo. Assim formula Maurice Blanchot:

o diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e tão capaz de todas as liberdades, já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante (BLANCHOT, 2005, p. 270).

Espera-se que todas as entradas de um diário comecem pela data em que se escreve – data também do que se vai relatar. Mas qual o grau de simultaneidade dessa escrita? Quais os graus de proximidade e distância entre o que contamos e o que escrevemos? O diário se restringe a uma anotação do presente? São essas as questões que me levaram a explorar um trecho, uma entrada inteira, do começo ao fim, de um diário de menina.

Minha vida de menina é um diário publicado em 1942 por Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970). Ela reuniu anotações que fazia em folhas soltas e cadernos, entre 1893 e 1895, momento em que vivia na cidade de Diamantina, Minas Gerais. O livro foi um sucesso de vendas, atraiu olhares de escritores e críticos, foi traduzido para o inglês, francês e italiano. Em 2003, Helena Solberg realizou uma adaptação para o cinema, com o título *Vida de menina*.

Os escritos pessoais de Helena Morley não se caracterizam sob a palavra “diário”, ao menos no interior dos textos que, publicados, chegaram até nós. É somente quando de sua publicação que a palavra “diário” é utilizada para caracterizar essa produção, como subtítulo, em comentários nas orelhas, contracapa e na introdução de Alexandre Eulálio. A publicação é feita sob pseudônimo, mesmo que a identidade da autora seja conhecida. Referências concretas, como os nomes de seus parentes, vizinhos e agregados, são substituídas por outras. As anotações esparsas passam por correções e remanejamento (MORLEY, 1998, p. 13-14).

Ao mesmo tempo em que recolhe em seu diário histórias e anedotas do cotidiano, a menina coloca em sua escrita reflexões sobre o passado de sua família e lança projeções para o futuro. Esses dois planos temporais da escrita do diário se desdobram e ganham novos contornos quando de sua publicação, em 1942, 47 anos depois de sua redação: a escrita da menina de outrora

se converte em palavras do passado que Helena Morley dirige às “meninas de hoje”.

Minha vida de menina ocupa um certo “lugar de destaque em nossas estantes”, como afirma Alexandre Eulálio na introdução ao livro (1998, p. 7); entre outras razões, acredito eu, por ser um dos poucos diários de menina brasileiros conhecidos do público. Já Schwarz, em “Outra Capitu”, levanta que “a sua posição permaneceu secundária, algo assim como o presente certo para encantar estrangeiros curiosos e mocinhas que prometem” (SCHWARZ, 1997, p. 47); seu ensaio busca, nesse sentido, “indicar as possibilidades de uma leitura que escave mais” (SCHWARZ, 1997, p. 47), estabelecendo relações entre episódios do diário de Helena Morley e aspectos da escrita machadiana.

Como lidar, na atividade crítica, com essas duas facetas que o diário ganhou desde sua publicação: a notoriedade e o pouco prestígio frente outras obras? Talvez caiba considerar o diário em sua especificidade, sem buscar de antemão comparações com a produção literária – seja o realismo de fins do século XIX, seja o modernismo da época de sua publicação. Por mais que a aproximação entre a escrita diarística e a literária possa render alguns bons frutos, pode também ofuscar particularidades. Entre a prática do diário, anônima, dispersa e corriqueira, e o gênero, que se consagra por meio de casos excepcionais (como o de Helena Morley, mas também, vale citar, o *Diário de Anne Frank* e *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, redigidos em circunstâncias extremas), vislumbramos um vasto campo a ser explorado.

Simonet-Tenant (2004, p. 14) identifica três abordagens possíveis para o estudo de um diário. Podemos tratá-lo como um objeto de escrita: interessando-nos pela materialidade dos suportes e instrumentos usados para sua produção, cadernos, folhas, tinta; pelos diários manuscritos, seu arquivamento e sua circulação. O diário é também uma prática, como outras atividades humanas que envolvem a comunicação e o registro escrito, observáveis tanto no cotidiano como nos relatos dessas práticas. Por fim, podemos estudar o diário como um gênero, que se inscreve entre as manifestações literárias, como produto editorial que demanda leituras críticas.

A respeito dessa distinção em três pontos de vista, pode-se objetar que dificilmente um estudo se restringe a apenas um deles. Há, evidentemente, regiões de contato entre uma abordagem e outra. Ao se tratar de um caso de edição de um diário manuscrito, por exemplo, o diário passa da esfera íntima para a pública, do suporte manuscrito para o formato livro. Um estudo em torno das práticas diarísticas deve levar em conta os recursos materiais que dela dependem, como o acesso a papel e tinta. De toda forma, é como gênero que o diário é mais comumente estudado; como afirma Lejeune:

Constatei que os escritos, completamente apaixonantes, consagrados ao diário íntimo [de Leleu, Girard e Didier] estudavam o gênero somente a partir dos diários publicados. Eles não davam informação sobre a prática do diário no conjunto da população francesa de hoje.

Ao perceber essa lacuna nos estudos sobre diários, Lejeune passa a investigar as práticas de diaristas anônimos e a pesquisar diários manuscritos em arquivos pessoais, o que resulta primeiramente na publicação de "Cher cahier..."; trata-se de uma pesquisa que ainda se encontra em curso.

Este trabalho pretende conjugar gênero e prática: partindo da leitura do diário publicado, pensar como a sua escrita trabalha com elementos temporais que fogem ao presente do registro do diário, recorrendo ao passado e apontando para o futuro; e, de maneira análoga, com elementos que fogem ao caráter intimista que se espera normalmente desse tipo de escrita. Tomando o diário publicado, temos um desdobramento das esferas temporais: o presente do diário se torna passado. O leitor, com o livro em mãos, tem do diário uma visão de unidade, que é posterior a uma etapa de dispersão (em folhas soltas, cadernos).

O exercício de leitura a que me proponho acompanha linha a linha uma entrada inteira do diário de Helena, de 11 de outubro de 1893. Guardadas as devidas proporções, esta leitura procura seguir os princípios das leituras empreendidas por Roland Barthes em *S/Z* (1970) e Philippe Lejeune em *Lire Leiris* (2004).

Em *S/Z*, Barthes faz a análise de um texto curto de Balzac, *Sarrasine*, a partir de uma leitura detalhada: o texto literário é segmentado em lexias, nome dado a "unidades de leitura" (BARTHES, 1970, p. 20). Essa recomposição do "texto tutor", objeto da atividade crítica, é o meio pelo qual ele se pluraliza, ganhando formas por meio de seu funcionamento, isto é, de sua leitura. Ao mesmo tempo em que a linearidade do texto é respeitada ao máximo, em que cada detalhe merece a atenção do olhar crítico, ele sofre cortes, por entre os quais o discurso crítico se movimenta.

Lejeune explora, em *Lire Leiris*, por meio de uma leitura minuciosa, a construção dos três primeiros capítulos de *A idade viril*, de Leiris, para refletir sobre o conjunto de seu empreendimento autobiográfico. Ademais, pretende dar conta de sua própria experiência de leitura, e de sua passagem à escrita: em suas palavras, "uma transformação do leitor pelo seu trabalho sobre a linguagem, passando do jogo da interpretação à prática da escritura"².

Os métodos das leituras de Barthes e Lejeune assemelham-se: parecem inaplicáveis, tão próximos se encontram de seus textos-tutores; ao mesmo tempo, como num jogo, convidam o leitor a se

Tradução minha, assim como todas as seguintes: "J'avais constaté que les écrits, tout à fait passionnants, consacrés au journal intime [de Michelle Leleu, *Les journaux intimes*; Alain Girard, *Le journal intime*; et Béatrice Didier, *Le journal intime*] n'étudiaient le genre qu'à partir des journaux publiés. Ils ne donnaient pas d'information sur la pratique du journal dans l'ensemble de la population française d'aujourd'hui" (LEJEUNE, 1989, p. 13).

² "une transformation du lecteur par son travail sur le langage, passant du jeu de l'interprétation à la pratique de l'écriture" (LEJEUNE, 2004).

lançar num trabalho de mesmo tipo.

Assim como nos dois casos que me servem de exemplo, aqui a escolha do trecho e a decupagem que ele sofreu são arbitrárias: dentro da organização do diário, trata-se da entrada que mais me chamou atenção durante as primeiras leituras. Lendo repetidamente o trecho, desfiando linha a linha sua construção, suas imagens e implicações foram se multiplicando. Espero que o comentário, que acompanha a ordem de uma escritura, lance pontos sobre os quais seja possível traçar características gerais em torno da escrita diarística.

Ao leitor que preferir ter um primeiro contato com a entrada do diário de Helena Morley sem a interferência crítica, é possível interromper aqui a linearidade de meu texto, dirigir-se ao final deste artigo (p. 56) e ali encontrar, sem cortes, o trecho de minha leitura.

2 O seu diário – ou do passado

Quarta-feira, 11 de outubro [de 1893]

As entradas do diário de Helena começam todas pela data: dia da semana, dia e mês. Nas edições mais recentes, há uma separação entre os anos em que foi escrito: 1893, 1894 e 1895. O diário publicado começa nos primeiros dias de janeiro de 1893 e termina em 31 de dezembro de 1895: temos, portanto, três blocos de anotações razoavelmente uniformes, que preenchem três anos inteiros, de janeiro a dezembro. Não sabemos, todavia, se essa composição corresponde exatamente ao começo e ao término das anotações reais, se a ordem dos escritos que temos em mãos é uma adaptação para o formato livro; e não caberá a mim aqui essa investigação³. Parto do princípio de que todo diário é lacunar, seja o publicado, seja o seu manuscrito original – como afirma Jean Rousset:

na realidade, todo diário, mesmo que censurado *a posteriori*, é coberto de furos, elipses, involuntárias ou não, ditas ou não ditas; do ponto de vista dos leitores que somos, isso pouco importa; um diário mutilado, um diário insincero é ainda um diário, por definição elíptico. A suposta completude é irrealizável. Por que dizer a si mesmo o que já se sabe melhor que ninguém? O autor de um diário seleciona, elimina de toda forma; se ele escreve, não é para aprender o que já conhece, mas para se descobrir escrevendo. (ROUSSET, 1983, p. 440)⁴

Em “Uma tradução e suas circunstâncias”, Marlise Meyer, sob a forma de relato da experiência de tradução de *Minha vida de menina* para o francês, levanta “desconfianças” em torno da composição do diário publicado: “Um manuscrito pouco acessível e discutido. Mas na hora em que se transformou em livro, e cai no domínio público, não temos o pleno direito de interrogar, contestar, cobrar critérios, suspeita? Quem nos garantia que os únicos cortes no manuscrito fossem aqueles que respondiam às exigências do texto autobiográfico?” (MEYER, 2006, p. 288). Roberto Schwarz, nas primeiras páginas de “Outra Capitu”, reúne brevemente mais especulações (SCHWARZ, 1997, p. 45-48). Não descarto a curiosidade em torno das circunstâncias de escrita e publicação do diário, como motor da experiência de leitura ou como ponto de partida para a crítica. No entanto, como veremos a seguir, não é essa a via que tomo neste trabalho. Os manuscritos, se encontrados, não garantiriam a “natural singeleza” ou a “autenticidade” da escrita de Helena Morley.

à vrai dire, tout journal, même non censuré après coup, est criblé de trous, d'ellipses, involontaires ou non, dites ou non dites; du point de vue des lecteurs que nous sommes, il importe peu; un journal mutilé, un journal insincère est toujours un journal, par définition elliptique. La complétude supposée est irréalisable. Pourquoi se dire à soi-même ce qu'on sait déjà ce qu'on sait mieux que personne? Le diariste triè, élimine de toute façon; s'il écrit, ce n'est pas pour apprendre ce qu'il connaît déjà, mais pour se découvrir en écrivant”.

Dentro do recorte de minha leitura, há ao menos dois outros, que me precedem: a seleção daquilo que a menina Helena escreve e daquilo que a senhora, aos 62 anos, publica. No texto que lemos, como nos lembra Rousset, não temos a confirmação de algo que seu autor conhece, mas o aprendizado em seu desenrolar.

O aprendizado de Helena acontece tanto em casa como na escola, ambientes que figuram menos em sua escrita do que os espaços externos, as matas, os jardins e pomares, a trilha a tomar em direção à lavra onde o pai trabalha, a grande e animada casa da avó e dos parentes. Seu diário é composto pelas vozes de um grande número de personagens, é povoado de histórias, de diálogos captados atrás da porta, de desentendimentos em família que poderiam passar despercebidos. O leitor que procura trechos nos quais Helena fala de sua relação direta com a escrita e com o diário deve ficar atento aos silêncios e às entrelinhas – o que a escrita pode nos deixar ver é seu poder de emaranhar contradições e lacunas.

Há certos dias que eu venho da Escola tão enjoada de tudo, que não tenho ânimo de trabalhar nem estudar.

A entrada começa por um presente que não é pontual, mas que se estende: “há certos dias”. Certos dias, provavelmente como o de hoje, é o que ela nos faz supor, em que um mal-estar a afasta das obrigações diárias: o trabalho doméstico e os estudos – eis o seu “tudo”, no qual a escrita do diário parece não estar incluída, visto que, mesmo “enjoada de tudo”, ela toma a pena e começa a escrever.

Trabalho braçal e intelectual formam uma dualidade marcante na leitura do diário: Helena frequenta a Escola Normal, para no futuro tornar-se professora primária, mas não está certa se quer isso realmente. Não estamos mais no tempo dos escravos, a casa não tem empregadas, sua mãe coordena toda a rotina de trabalhos e afazeres, entre ela e os irmãos. Helena, aqui, rejeita tanto um lado como o outro. Nesse panorama, seria a escrita do diário uma atividade que foge tanto a uma coisa quanto a outra – e nos mostra que ela é feita de nada?

Hoje, quarta-feira, é o dia em que tenho mais obrigações. Tenho que começar a passar as roupas desde hoje para estar tudo pronto amanhã. Amontoar eu sei que fica pior para mim. (p. 95)

As datas – combinação sintagmática de um número para o dia, um nome para o mês, outro número para o ano – formam uma combinação irrepitível. Em todo o tempo que possa existir, há somente um 11 de outubro de 1893 – e as datas valem justamente por isso, pelo seu poder de designarem um momento preciso e irrepitível do tempo. Por outro lado, há infinitos hojes; em

menor quantidade são as muitas terças-feiras. Ainda assim, o dia de hoje, marca dessa entrada, pouco tem de singular; esse 11 de outubro assemelha-se a diversas outras quartas-feiras, que se repetem, porque estão numa ordem prevista, ocupam um lugar fixo no desenrolar do tempo. Dizendo “hoje, quarta-feira”, Helena rompe com a pontualidade da data colocada acima, empregando um dêitico que se esvazia em seu tédio.

É preciso aparar as arestas, dar boa aparência à roupa, eis a tarefa a cumprir tanto nessa como em qualquer outra quarta-feira. Há muito a ser feito: o que faço hoje terá sem dúvida efeitos no futuro: amanhã recolho os resultados do que faço agora. E o diário aparece como espaço para reflexão em torno do que se tem para fazer, à semelhança de uma agenda, de um controle de contas. Se escrevo hoje, se acumulo páginas escritas, ao contrário da pilha de roupa que devo zerar, crio uma reserva futura, necessária.

Nessa economia, assim como a organização da casa e dos deveres escolares, as anotações não são estritamente diárias, mas frequentes; Helena mantém uma prática constante de escrita, seja em quartas-feiras, seja nos finais de semana, dias de festa ou de luto, durante as férias escolares ou em dias letivos.

Até agora não fui capaz de fazer nada. Comecei a passar um vestido de babados e fiquei pensando que tanto trabalho é bobagem; que a gente devia andar com uma saia de baeta como no tempo antigo.

A escrita do diário, mais do que qualquer outra, permite que se fale sobre o nada; mas é possível dizer que esse nada, sobre o qual se escreve, é insignificante? Esse nada busca ludibriar o leitor, se aceitarmos que ao menos a pessoa que escreve “nada fiz” faz algo, mínima que seja essa atividade: ela escreve.

Uma atividade foi interrompida: ela passava um vestido de babados, mas não só: também pensava na utilidade daquilo. Largou o pesado e quente ferro a carvão, trocou os tecidos amarrotados pelo papel que se abria em branco e esperava algumas linhas de tinta. À ação de apagar as dobras indesejadas do tecido opõe-se a atividade de desdobrar o tempo, estendê-lo em linhas. Sem capacidade para disciplinar os babados, que voltarão a se amassar depois da próxima lavagem, ela se volta ao diário, um texto sem prazo, que não acaba, porque recomeça como todo dia, a cada nova entrada. Tanto um como outro são bobagem, trabalhos inúteis, sem importância.

Helena queria uma outra saia, menos franzida, mais simples; que lhe demandasse menos trabalho, mesmo que fosse de um tecido mais grosseiro – ou até mesmo por serem feitos de um tecido mais grosseiro, os vestidos do passado seriam mais resistentes. O tempo antigo, consolidado nas vozes e no exemplo do pai e da avó, eram tempos brutos, como a baeta, como os diamantes, que agora rareiam. Os tecidos com que se cobriam as pessoas não

demandavam a força do ferro. Mais desejável do que o futuro que se prepara no trabalho doméstico e nos estudos, dos quais não se pode escapar, é o passado que se repete nas histórias que Helena ouviu, recuperável somente pelas palavras.

Assim passei a tarde sem fazer nada.

E mesmo o nada se repete – entre o “até agora não fui capaz de fazer nada” e “assim passei a tarde sem fazer nada”.

Como só de escrever eu nunca tenho preguiça, venho aqui contar a história do tempo antigo, para o futuro, como diz meu pai.

“Como diz meu pai”: aqui a frase brinca conosco. O pai diz a ela as duas coisas, ou somente a segunda oração? Dentre as informações de que dispomos sobre as circunstâncias de escrita do diário no próprio diário, é possível afirmar, com certeza, que o pai é quem a encoraja a escrever. É a figura mais próxima da escrita e da cultura letrada (seria um traço de sua ascendência inglesa, de cultura protestante, que contrasta com a família da mãe, de origem portuguesa e raízes católicas? – essa é uma leitura corrente, mas deixo aqui a associação mais sob forma de pergunta do que como um esclarecimento; seria redutor vincular a escrita a uma única origem, rejeitando o jogo de forças que a constrói). Helena também se refere pontualmente a leituras de suas tias, a livros que lê sem prazer ou que abandona sem terminar.

Admitindo que a escrita não se dá por geração espontânea, mas que se transmite (como os bens de uma herança, como os traços genéticos, como ondas magnéticas que não enxergamos), nessa transmissão Helena carrega muito mais dos outros do que de si mesma – quer queira, quer não.

Ao assumir uma prática constante e mais ou menos disciplinada, segue o conselho do pai, figura ao mesmo tempo ausente e presente – nas lavras durante dias a fio, em busca de diamantes que pouco aparecem, na lembrança da mãe o tempo todo, ansiosa por seu retorno, a figura do pai rende uma rica leitura que não poderei reproduzir aqui. Ela exerce, tanto no meio familiar como dentro da própria escrita, um papel que as meninas tinham que desempenhar, em contraste com o trabalho prático dos irmãos, que constroem armadilhas para passarinhos, fazem vassouras para vender aos vizinhos. E na própria escrita atesta, “como meu pai diz”, a atividade cuja importância não deve colocar em dúvida. Há, de fato, poucos momentos em que ela se questiona se a escrita do diário faz bem ou não, se, mesmo sob a autoridade paterna, essa atividade a distancia das obrigações domésticas, ou mesmo dos deveres escolares.

Ainda assim, Helena manifesta no diário uma revolta e uma visão que fogem às crendices e superstições, que traça planos secretos, que confessa maldades e erros, “porque somente o papel terá

esse conhecimento”. Ao mesmo tempo, sabemos pela própria Helena que essa intimidade não é estrita. Ela faz a leitura dos seus escritos para o professor e a sala de aula, bem como para a família. Sua avó, principalmente, faz comentários sobre as histórias que Helena escreve no diário e lê para ela – comentários que, por sua vez, vão também parar nos escritos de Helena.

Quem sabe lá se no tal futuro não haverá ainda mais novidades do que hoje? José Rabelo vive pensando urubu na balança para inventar máquina da gente voar. Que coisa boa não seria isso! Eu tenho às vezes tanta inveja do urubu voar tão alto. Agora que seria se eu virasse urubu? Isso é que seria engraçado. Mas, melhor ainda seria inventar a gente não morrer.

Pensávamos que Helena nos traria histórias do passado, mas eis que ela se volta para o futuro. E não um futuro preparado pelos exemplos do passado, ou resultado dos estudos, mas um futuro inusitado. Helena está numa etapa da vida que se sabe mais transitória do que todas as outras: momento de preparação, de aprendizado, pelo exercício, pela prática e pela experiência – assim como de invenção pessoal. Mais do que a solidez do passado e a previsibilidade dos planos presentes, Helena parte para um futuro insólito, em que figura uma ave de aspecto e hábitos repugnantes. A imagem do urubu traz ao leitor a velhice que aguarda a todos no porvir, a carne em decomposição de que se alimentam os urubus. Entregando-se ao tédio, fugindo de tudo, vem a morte – que se tenta apagar com a escrita ou que na escrita se torna evidente.

Enquanto a gente não voa como José diz que se há de inventar, melhor seria se voltássemos ao tempo antigo, com saias de algodão ou baeta. Que boa coisa!

Vovó conta a vida dela na Lomba e eu fico com tanta inveja! Se a gente queria escrever pegava um pato, arrancava a pena da asa e fazia um bico na ponta. Se precisava de um vestido para andar na roça, já tinha na tulha algodão, tirava uma porção, descarocava, passava na cardadeira para abrir e depois fiava no fuso. Quando o fio estava pronto, punha-se no tear e as escravas teciam o pano. A roupa se cosia à mão, porque não havia máquina de costura.

Decerto as coisas boas não se encontram no futuro – olhando ao último termo, havia a morte, repulsiva. Nesse intervalo, ainda é possível voltar ao passado e ao conforto do algodão grosseiro, mesmo que a partir do relato de sua avó, que ela incorpora à sua voz, sob o desejo (a inveja) de viver esse mesmo tempo, de compartilhar sua juventude com a de sua avó, e diminuir a

distância de tempo que as separa. Distância de tempo que é ao menos amenizada pelos relatos da avó, que Helena transfere para o diário – e que por sua vez, publicado, servirá de lição às suas netas, mostrando “às meninas de hoje a diferença entre a vida atual e a existência simples que levávamos naquela época” (MORLEY, 1998, p. 13).

Não são raros, no diário, os relatos de costumes e histórias em circulação nas rodas, nas festas, nos encontros e nos jantares em família. A menina conta algo que não necessariamente viveu, mas o relato que atravessa repetidamente a sua vida. O trabalho no passado é visto como um processo tão natural como as máquinas de voar que se preparam para o futuro. Na Lomba, esse lugar utópico, o das histórias da família, tudo se encontra ao alcance da mão: o algodão acumula-se no depósito, sem a mediação do dinheiro ou das pedras preciosas que hoje não aparecem mais. Por parte dos patrões, não havia trabalho: “as escravas teciam o pano”. Os fios se desembaraçavam. Com a mão controlavam-se os fios para tecer, assim como não havia máquina para escrever.

Nesse trecho, Helena acumula um conhecimento sobre o passado que demonstra sua utilidade. Saber como as coisas se faziam antes, diferentes das de hoje, é perceber a mudança e a transitoriedade. Nesse passado tudo flui, como o passar natural dos dias, que hoje se esvaziam, no qual Helena não se encontra.

Não havia também fósforo. O fogo tinha de ficar aceso o tempo todo.

Ao contrário dos tempos de hoje, em que o produto depende de uma força que se sente às vezes vacilar, em que se esgotam os recursos que fazem as máquinas funcionarem, o fogo, combustível primário, fonte de força, calor que preserva a casa, que lhe fornece luz e desejo, mantinha-se constante.

Quando na Lomba descuidava e o fogo apagava, tinham de amontoar um bocado de algodão e dar um tiro para acender. Maldade sempre houve. Tudo se passava sem ter, mas espingarda para matar os outros havia.

Esse mesmo fogo não se controla. Ou ele se apaga, ou retorna sob outras formas – que acabam por se assemelhar ao que Helena já havia entrevisto no futuro: a morte, da qual havia fugido anteriormente. Da brutalidade do tecido à brutalidade dos homens, o tempo antigo não é melhor do que hoje.

Agora que acabei de escrever é que estou vendo como eu estava idiota de desejar ser do tempo antigo só para não passar meus babados a ferro. É por isso que mamãe e minhas tias gostam tanto de trabalhar.

“Agora que acabei de escrever...”: mas Helena ainda está escrevendo! A escrita se desdobra e comenta a si mesma; ela escreve olhando para o passado próximo que se encontra linhas acima. Essa escrita que fala de si mesma engrena, ganha movimento, no simples fato de primeiramente começar do “nada”, da falta de ânimo que era feita, lembremos, da própria escrita do diário que preenchia o tempo, que substituía a outra tarefa. Oscilante entre o passado e o futuro, Helena se depara com seu próprio presente, revestido pelo tecido da escrita.

Por falar em babado, lembrei-me de uma coisa muito engraçada de vovó. Quando ela vê a sala cheia de mulheres esperando o jantar pergunta a Dindinha, na vista delas: “Chiquinha, minha filha, como você vai se arranjar com tanto franzido no babado?”. Dindinha responde: “Já desfranzi, minha mãe”. Vovó então pode ficar descansada, porque isto quer dizer que Dindinha mandou pôr mais água e couve no feijão.

Como é engraçada a vovó, além de tão boa! (p. 95-96)

E “por falar em babado...”, Helena continua a conversa descosida, como se estivesse em sua sala de visitas, a poucos minutos do jantar. E estamos realmente numa sala cheia de mulheres, que ela reúne em sua escrita. Nem todas compartilham os mesmos segredos, a algumas não cabe tudo dizer. De algumas delas, como sua avó e sua tia Madge, Helena escuta as histórias, porque sabe que delas ela tem o que aprender.

Dentre as mulheres ali reunidas, algumas somente decodificam a mensagem cifrada que sua avó dirige a Dindinha. E é o que Helena também faz na escrita de seu diário. Como em todo diário, Helena tem seu idioma próprio, seu falar que sempre quer falar de outra coisa. Essa outra coisa que nada mais é do que outro pacote, outro embrulho com o qual se envolve e protege o presente, outro tecido, outro papel, outra história que se conta para ocupar o tempo. Acompanhar o passar de uma superfície a outra, pela palavra, que a avó e a tia fazem tão habilmente, é a graça e o que conta notar.

Eu poderia colocar mais água e couve no feijão: há muito mais imagens do que eu posso dar conta aqui; elementos que deixarei de lado, não para que em momento oportuno cheguemos a uma maior profundidade, mas para que haja com quem mais dividir o feijão, a leitura.

3 O meu diário – ou do futuro

Helena desenrola um carretel de analogias; correndo em paralelo, brincando com o texto, passamos a ferro tecidos amarrotados,

observamos como eram feitas as máquinas do passado, imaginamos criar novas formas para nós mesmos. São formas que não partem do zero: a página em branco do diário vai carregar todo um conjunto de vozes e tempos, que se condensam na efemeridade do presente em que se escreve – e em que se lê.

Aqui busquei passar a ferro um trecho, para dar um ponto de foco, para dar, com maior acuidade, espaço à dispersão. É pelo trabalho concentrado que acredito poder mostrar a dispersão do diário de Helena: leitura e escritura que se quer numa escala 1:1, mas que se percebe inútil, incompleta. E é sobre uma dessas utopias que repousa a escrita do diário: poder guardar o tempo em sua cadência, repetindo-o, para que se torne sempre presente.

O diário se dissipa, invólucro dos dias de hoje, do presente esvaizado de si, que se reveste de passado e trança o futuro. A leitura desse invólucro a nada leva, a não ser a outros. Somos motivados por uma descoberta continuamente adiada, colocada para mais adiante, fugindo a todo instante de ser capturada, porque afinal não existe, ou é tão somente o vazio do presente, que se tenta fixar no papel.

Espero aqui ter conseguido *remendar* o diário. Imitando sua escrita, mostrar a consciência da forma do que se fala: a incerteza da escrita diarística, a ruminação dos eventos dos dias, tornados mais lentos pelo seu repisar. E com isso apontar com o dedo para o meu lugar de leitora no texto de Helena Morley, mostrando de que maneira eu cedo à sedução de seu diário: passando-o de seu código particular para o meu. De um a outro, sabendo que nesse movimento não há revelação, mas somente outra casca que recobre um mesmo vazio; “o signo é uma fratura que jamais se abre senão sobre o rosto de outro signo”, como Barthes em seu *Império dos signos*⁵ – cobrindo o vazio de uma leitora que, à semelhança do sujeito de sua leitura, como numa brincadeira toma a posição de quem escreve, à espera de passar seu lugar adiante.

⁵ “le signe est une fracture qui ne s’ouvre jamais que sur le visage d’un autre signe” (BARTHES, 2007, p. 72).



Referências Bibliográficas:

BARTHES, Roland. *S/Z*. Paris: Seuil, 1970.

_____. *O império dos signos*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BLANCHOT, Maurice. “O diário íntimo e a narrativa”. In: *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEJEUNE, Philippe. “*Cher cahier...*”. Paris: Gallimard, 1989.

_____. *Lire Leiris: Autobiographie et langage*. 2004. Disponível em: <<http://www.autopacte.org/Lire-Leiris-intro.html>>. Acesso em: 26 dez. 2010.

MEYER, Marlise. “Uma tradução e suas circunstâncias”. *Literatura*

e sociedade, São Paulo, USP/FFLCH/DTLLC, n. 9, p. 278-290, 2006.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROUSSET, Jean. "Le journal intime, texte sans destinataire?" *Poétique* 56, Paris : Seuil, p. 435-446, novembre 1983.

SCHWARZ, Roberto. "Outra Capitu". In: *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SIMONNET-TENANT, Françoise. *Le journal intime: genre littéraire et écriture ordinaire*. Paris: Téraèdre, 2004.

Quarta-feira, 11 de outubro

Há certos dias que eu venho da Escola tão enjoada de tudo, que não tenho ânimo de trabalhar nem estudar.

Hoje, quarta-feira, é o dia em que tenho mais obrigações. Tenho que começar a passar as roupas desde hoje para estar tudo pronto amanhã. Amontoar eu sei que fica pior para mim. Até agora não fui capaz de fazer nada. Comecei a passar um vestido de babados e fiquei pensando que tanto trabalho é bobagem; que a gente devia andar com uma saia de baeta como no tempo antigo.

Assim passei a tarde sem fazer nada. Como só de escrever eu nunca tenho preguiça, venho aqui contar a história do tempo antigo, para o futuro, como diz meu pai. Quem sabe lá se no tal futuro não haverá ainda mais novidades do que hoje? José Rabelo vive pesando urubu na balança para inventar máquina da gente voar. Que coisa boa não seria isso! Eu tenho às vezes tanta inveja do urubu voar tão alto. Agora que seria se eu virasse urubu? Isso é que seria engraçado. Mas, melhor ainda seria inventar a gente não morrer. Enquanto a gente não voa como José diz que se há de inventar, melhor seria se voltássemos ao tempo antigo, com saias de algodão ou baeta. Que boa coisa!

Vovó conta a vida dela na Lomba e eu fico com tanta inveja! Se a gente queria escrever pegava um pato, arrancava a pena da asa e fazia um bico na ponta. Se precisava de um vestido para andar na roça, já tinha na tulha algodão, tirava uma porção, descaroçava, passava na cardadeira para abrir e depois fiava no fuso. Quando o fio estava pronto, punha-se no tear e as escravas teciam o pano. A roupa se cosia à mão, porque não [95] havia máquina de costura. Não havia também fósforo. O fogo tinha de ficar aceso o tempo todo. Quando na Lomba descuidava e o fogo apagava, tinham de amontoar um bocado de algodão e dar um tiro para acender. Maldade sempre houve. Tudo se passava sem ter, mas espingarda para matar os outros havia.

Agora que acabei de escrever é que estou vendo como eu estava idiota de desejar ser do tempo antigo só para não passar meus babados a ferro. É por isso que mamãe e minhas tias gostam tanto de trabalhar.

Por falar em babado, lembrei-me de uma coisa muito engraçada de vovó. Quando ela vê a sala cheia de mulheres esperando o jantar pergunta a Dindinha, na vista delas: "Chiquinha, minha filha, como você vai se arranjar com tanto franzido no babado?". Dindinha responde: "Já desfranzi, minha mãe". Vovó então pode ficar descansada, porque isto quer dizer que Dindinha mandou pôr mais água e couve no feijão.

Como é engraçada a vovó, além de tão boa!

(MORLEY, 1998, p. 95-96)

Artigo recebido em: 26/12/2010

Artigo aprovado em: 23/02/2011

Referência eletrônica: COELHO, Ana Amelia. "História do tempo antigo, para o futuro": o diário de Helena Morley. *Revista Criação & Crítica*, n. 6, p. 44 – 57, 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/CC_N6_AABCoelho.pdf>